

DEPOSITO

SEMANARIO HUMORISTICO

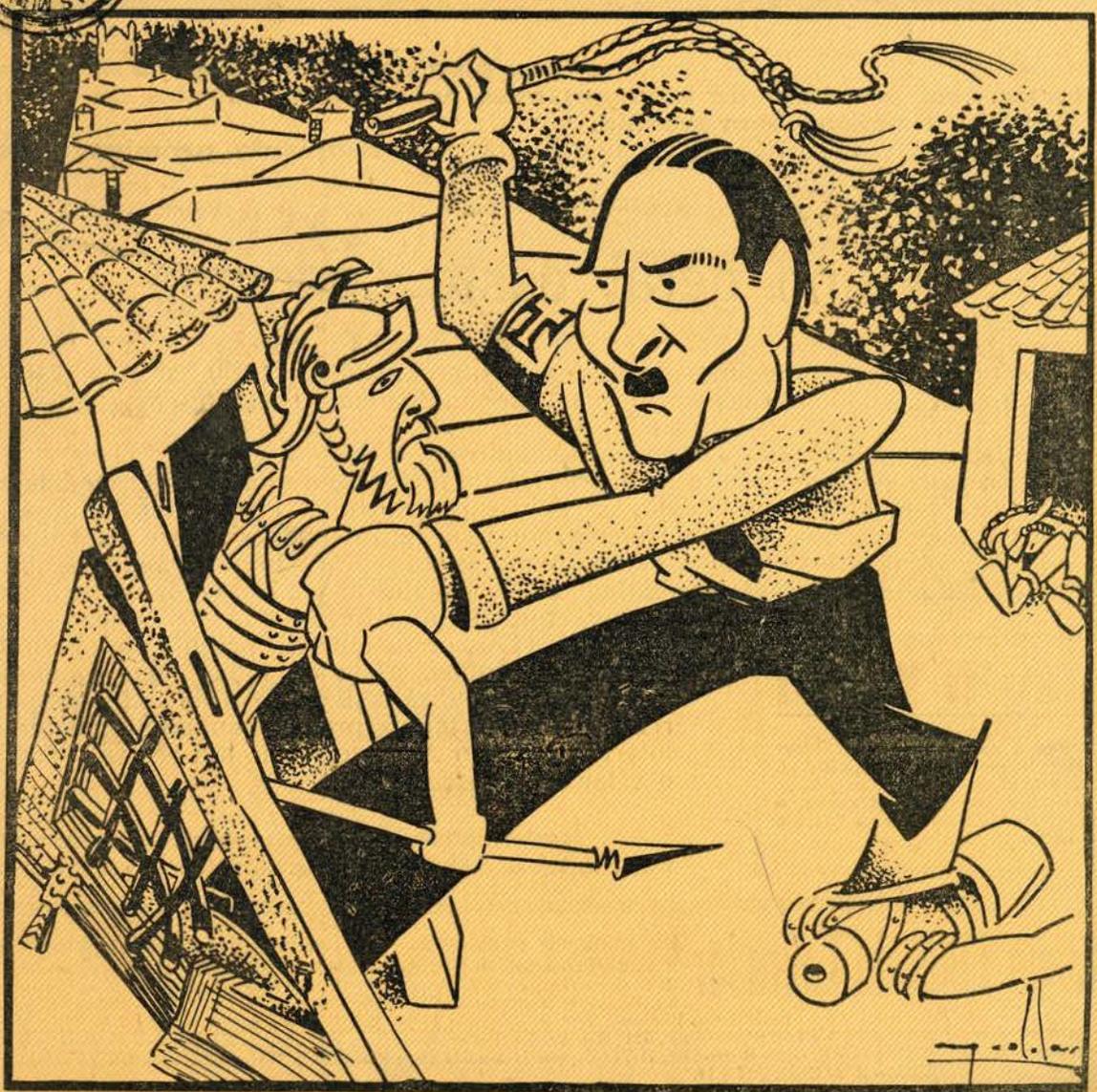


com caldas

Direcção literária de: JOSÉ DE ARTIMANHA, DR. KNOX e OCTÁVIO SÉRGIO



BRAGA EM CAMISA



Dr. Rolão, fanáticamente hitlerizado, expulsa os judeus do Bom Jesus do Monte

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª da

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX
OCTÁVIO SÉRGIO

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

CONCURSO DA MOLHADURA

Formidável certame que a MARIA RITA iniciará lançou com o concurso da

ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

que oferece ela só os seguintes prémios: **Uma pipa do autêntico vinho da Bairrada; um formidável presunto de Lamego; uma pesadíssima arroba de bacalhau; uma arroba de açúcar bem medida.**

Além disso a MARIA RITA distribuirá mais **cinquenta prémios de valor.**

Plano geral deste concurso

Os prémios deste concurso são num valor aproximado de 1:500 Escudos, **distribuídos com tóda a certeza**, podendo elevar-se quasi indefinidamente desde que os concorrentes o queiram.

Para se concorrer basta fazer-se o seguinte:

O concorrente recortará a senha ao lado e dirige-se a qualquer das **16 adegas** que a Adega Ideal tem abertas no Pôrto, na Foz, em Matozinhos e em Gaia, conforme descrição abaixo. Essa senha ser-lhe trocada por uma outra numerada que dará direito ao sorteio a efectuar pela lotaria de Santo António, em Junho próximo. Por cada senha desta terá ainda direito o concorrente ao abatimento de 50 centavos em cada compra de 5 escudos, o que equivale a dizer-se que: O concorrente lê a MARIA RITA por metade do preço e fica habilitado a todos os prémios. Além de tódas estas vantagens, a MARIA RITA, porá à disposição de todos os portadores de senhas, tantos prémios quantos as centenas da lotaria de Santo António. Cada um destes prémios tem o **valor de 10 escudos.**

As senhas respeitantes a este concurso e correspondentes à semana passada e a esta estão desde hoje em distribuição em todos os estabelecimentos da Adega Ideal do Lavrador

Concurso da Molhadura

Senha a apresentar em qualquer dos estabelecimentos da ADEGA IDEAL DO LAVRADOR.

Contra a entrega desta senha, o portador receberá uma outra que lhe dará direito ao sorteio.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, **16 ADEGAS:**
R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Lideiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195;
R. de Santa Catarina, 82S (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395;
Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-
doaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braan-
camp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242,
Telef. 814 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da
Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Tôda se consola a gente quando vê, nestes tempos de feroz egoísmo que vamos atravessando, um bom exemplo de caridade cristã. Foi o que me aconteceu a mim, lendo há dias, no *Diário de Notícias*, a seguinte correspondência:

GUARDA, 26. — Ante-ontem, alguns alunos do 1.º ano do Liceu foram colher, no quintal do sr. padre Vitorino dos Prazeres, folhas e plantas várias, que se destinavam às coleções de botânica das aulas. Não gostou do caso aquele sacerdote, que os alvejou com tiros de arma caçadeira, atingindo com alguns grãos de chumbo, na cabeça e braços, um filho do sr. José Augusto, sargento-ajudante de infantaria 12. Os rapazes debandaram, mas o rev. Prazeres perseguiu-os e conseguiu agarrar um deles, filho do 2.º sargento Manuel Romeiro, espancando-o desapiadadamente. A pobre criança foi conduzida para sua casa por soldados, que a encontraram prostrada junto ao portão do quintal.

O importante periódico lisbonense encabeça esta comunicação com o título: *Deixai vir a mim os pequeninos...* E' a consabida frase do Cristo, que vem aqui muito a propósito. E aquelas reticências querem de-certo dizer que o reverendo Prazeres se apropriou de ela, aumentando-a para seu uso particular: Deixai vir a mim os pequeninos... para eu os receber a tiro e a varapau.

Estou de aqui a ver o aspecto fisico do resolutivo ministro de Deus. Deve ser, como o seu colega do *Melro*:

... um velhote conservado,
malicioso, alegre, prazenteiro.

De-certo não tem também, como o outro:

... pombas brancas no telhado
nem rosas no canteiro.

E, tal como êle:

anda às lebres, pelo monte, a pé,
livre de reumatismos
graças a Deus e graças a Noé.

A prova de que êle se dedica a excursões venatórias é que tinha em casa uma espingarda carregada com chumbo, e se apressou a despejá-la sobre os estudantes, — como se não bastassem aos pobres rapazes os *chumbos* que dentro em pouco os professores se encarregarão de lhes dispensar com mão pródiga. E a prova provada de que êle é, além de conservado, conservador, está em que sabe defender o seu prédio contra os intrusos, por estar persuadido de que a pro-

priedade é tão sagrada como a hóstia que êle todos os dias ergue, com mão firme, no incruento sacrifício da missa.

Sem dúvida, na sua qualidade de caçador, o padre Prazeres invade com frequência a propriedade alheia. Mas fá-lo no uso de um direito que lhe é garantido pelo Regulamento da Caça. Como, porém, não há lei alguma regulando a herborização — mais felizes são em Portugal os devotos de Santo Humberto que os de Jussien — o reverendo julgou-se no pleno direito de despejar a carabina sobre as crianças que no seu quintal botanizavam, e de utilizar ainda, para o mesmo piedoso fim, a coronha da espingarda, depois de esvaziado o cano.

Após o que, tendo deixado estendido, em frente ao portão, um dos pequenos facinoras, tomou nas vingadoras mãos o *Breviário* e foi sentar-se à sombra de uma ramada murmurando, de olhos fitos no céu:

— Perdoai-nos, Senhor, as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores!
E ao cabo das suas orações, recordando-se

do sangrento episódio, fechou de sopetão o livro, perguntando aos seus botões:

— P'ra que fariá Deus os melros e as crianças!

... Por onde se demonstra que não tem afiliados...

Li há poucas semanas, num jornal francês, as atribuições por que passou um naturalista da mesma nacionalidade, propositadamente jornameando no interior do Sudão a-fim-de colher exemplares raros de plantas. Os pântanos, a febre, os mosquitos, os desertos de areia, a desconfiança dos indigenas, a hostilidade das feras, a sede, a fome, as intempéries, — tudo isto sofreu o pertinaz viajante, movido pelo único e desinteressado intuito de enriquecer o já vasto cabedal de conhecimentos botânicos. Todos aqueles inimigos lhe surgiram em abundância, procurando aniquilá-lo. Faltou-lhe apenas encontrar, para a lista ser completa, um padre de aquele calibre.

Resposta a Zé da Sé

A propósito de "Legado fatal."

I

Senti pesar e uma tristeza infinda,
Ao ler na carta que te foi legada,
E agora pela imprensa divulgada,
Que o «Tripeiro» morreu! Tão novo ainda!

Triste e funesta a ideia que êle teve
De entrar no tal *convento* de Cacia,
Onde, se não morreu de nostalgia,
O trato que ali tinha o não manteve!

De nada lhe valeu o são conselho
Que dei, como daria a amigo velho,
E lá baixou, o pobre, à campa fria!

Que a terra que ora o cobre seja leve!
A sua alma tão branca como a neve
Merece bem lhe façais uma elegia!

II

«Fatal legado» te deixou o amigo,
E já que queres cumprir sua missão,
Atia a espada e adestra bem a mão:
Não deixarei de pelear contigo.

Não penses, Zé da Sé, que darei sorte,
Com as tuas parlangas doutorais
Té ficarmos imigos figadais!
Prefiro o fraco rendido ao mais forte!

Quer's travar rija luta e guerra acesa?
Terás também de mostrar tua esportezza,
Embora eu muito tenha que gemer!

Como pretendes armar-te em magriço,
Meu caro Zé da Sé, vamos a isso:
— Cá estarei sempre pronto a responder.

TRIPEIRO.

Saindo à rua, horas depois da peripécia, o Padre Prazeres viu-se forçado a trocar momentaneamente o nome pelo de Padre Dissabores. Os estudantes e o povilêu rodaram-no, vaíram-no, ameaçaram-no, e possivelmente passariam a vias de facto se o perseguido se não houvesse refugiado numa esquadra policial. E' isto o que afirma a correspondência citada. E a gente escancara a bôca, de puro assombro, ao ver que se refugia numa esquadra um criminoso que já lá devia estar, não por sua livre vontade, mas sob prisão. Ignoro o que se passou em seguida. Mas de-certo o reverendo, serenado o tumulto, regressou a casa acompanhado pelo chefe de polícia, que se despediu, quando o deixou em segurança, rogando-lhe muita desculpa do incômodo e verberando o procedimento do povo, que se atrevera a insultar um ministro do Senhor, tão bondoso e caritativo.

Depois, naturalmente, o reverendo jantou e meteu-se na cama. Para atrair o sono, pegou na *Biblia*. Abriu-a, — por acaso, no Evangelho de S. Mateus. E leu:

«E Jesus, chamando um menino, o pôs no meio de êles, e disse: Em verdade vos digo que... aquele que receber em meu nome um semelhante menino a mim me recebe. Mas quem escandalizar um de estes pequeninos... melhor lhe fôra que lhe pendurassem ao pescoço uma mó de atafona e o atirassem ao mar.»

Teve um sorriso escarninho. E soprando à luz, pensou:

— Sempre êste pobre Visionário tinha cada uma!

Marcial JORDÃO.

Rés-do-chão

Balancete da semana

Bemfica ficou mal. Venceu o Pôrto
por oito contra zero;
e o público lisboeta ficou morto,
cheio de raiva e fundo desespero.
Foi o golpe de morte na esperança,
que animava os «vermelhos» — ó quimera! —
de serem os «campeões» de Portugal:
vitória ganha sem adaga ou lança,
mas simplesmente aos pontapés na esfera,
em jôgo destemido e bem leal.
Diz um jornal da Lisbía que o Bemfica
logo de entrada «meteu água» à toa;
e como o Pôrto tinha «Pinga» rica,
era certo o fracasso de Lisboa.
Disseram-me, porém, que quem melhor
bateu as camisolas carmezins
foi o audaz jogador
Avelino Martins.
Portanto, neste *match*, em que cláudica
a fama que no Sul tanto alastrou,
se ficou mal o Bemfica,
foi S. Mamede — olá! — quem bem ficou!

*
* * *

Nas três grandes cidades do país
realizaram-se festas bem bonitas,
por entre entusiasmos juvenis,
para a queima das fitas.
Milhares de elas, sôbre o fogareiro,
queimadas pela alegre juventude,
arderam velozmente e por inteiro,
tal como aconteceu em fevereiro
no incêndio de Hollywood.

*
* * *

Chegaram as rainhas de beleza,
que o nosso Portugal vieram ver,
e tôda a natureza
de galas se vestiu p'ra as receber.
Tornou-se o céu mais fundo, côr de anil;
pacificou-se a oceânica planura,
desabrocharam flores com fartura
nos jardins do Estoril.
E logo, ao ver as célicas imagens
das rainhas dos povos estrangeiros,
centos de cavalheiros
se foram of'recer para seus pagens,
e até para escudeiros.
Um poeta que as viu
tão distintas e belas,
esta formosa frase proferiu:
— «Eis a Costa do Sol cheia de estrêlas».
Porém um lavrador
soltou este conceito:
— «De aquilo temos cá muito melhor,
em olhos, cara, perna, ou mesmo peito!»
Dizia uma verdade, com certeza,
embora as estrangeiras nos cativem.
Quantas rainhas da beleza vivem
nesta bemdita terra portuguesa!

Carta publicada como resposta

a uma outra que recebemos
do jornal Tic-Tac, protestando
contra um pseudónimo de um
nosso colaborador.

Meu caro Zé d'Artimanha
Sua carta recebi
E a exigência tamanha
Pode crêr que me aturdi!

Então queria que o Rei Fera
A de vinte devolvesse?...
Outra igual, oh! quem me dera
Que o amigo remetesse!

Era um ar que Deus lhe dava;
Bebia-a com tanta gana,
Que p'ra casa só voltava,
Co'uma enorme *carraspana*!

Dirá, pois, ao Sôr Ferreira
Que tanto se destempera,
P'ra não fazer chiadeira,
Pois sempre fui o Rei Fera.

Agora p'ra terminar,
Com êste desaguisado,
A seguir vou demonstrar,
Princípios do meu *reinado*.

Pôrto.

Rei FER.

N. B. — No ano de 1906, comecei a colaborar sob êste pseudónimo, no *Pimpão*. Pode V. Ex.ª, Sr. Director, consultar o exemplar n.º 2:343, de 24 de Agôsto, do aludido ano e aí constatará a veracidade das minhas afirmações.

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

•
todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

•
AUX GALERIES LAFAYETTE

TURIDDU.

ATWATER KENT RADIO

Grandes inovações introduzidas recentemente elevam esta famosa marca a um grau de perfeição insuperável:

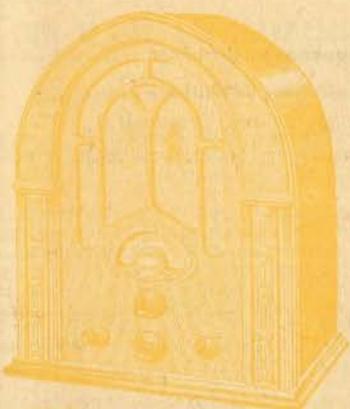
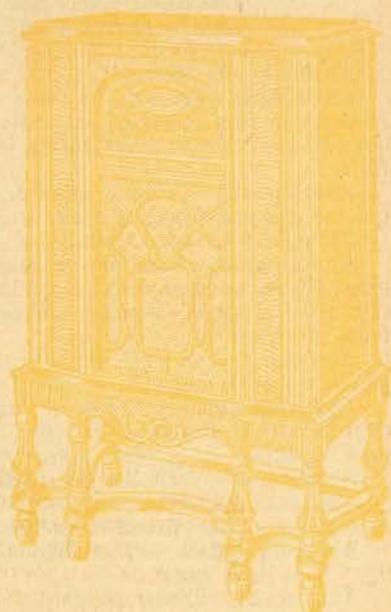
1.º — Novas válvulas de super-potência de função múltipla.

2.º — Sintonização silenciosa automática que permite distinguir perfeitamente todas as estações sem os desagradáveis ruídos intermédios.

3.º — Facilidade de recepção de ondas médias e curtas no mesmo aparelho (Mod. 480) ou de ondas médias e compridas (Mod. 137).

4.º — Os chassis de 12 válvulas possuem amplificação do tipo «Ba» e são equipados com dois altifónios com vime variis de alimentação.

5.º — Maior amplificação, maior sensibilidade, melhor selecção das audições, mais pureza de som.



Peça informes a qualquer Agente da ATWATER KENT RADIO ou directamente à

ELÉCTRONIA, L.^{da}

P. da Batalha, 119 PORTO Telefone, 5800

Distribuidores gerais no Norte de Portugal

O Novo Dicionário da Academia

(Continuação)

A.

Abade — Padre e frade, arre!
Se entra em tua casa,
Ou é para meter
Ou é para tirar!

Se de ti bem disser,
Acautela a tua mulher;
Se te disser maravilhas
Acautela as tuas filhas!

Abelhudo — Tripeiro.

Abemolado — Suave, brando. —
A voz que elas arranjam quando nos
querem fazer pagar a conta da mo-
dista.

Abespinhado — Como elas ficam
quando não lhes pagamos a dita conta.

Ablução — Luxo dos ricos.

Abocamento — Palavra que, com o
materialismo dos tempos virá a substi-
tuir a actual *beijo*: a poesia do pon-
tinho sôbre o *i* do verbo *aimer*...

Aboletar — Preparar um enoval
para daí a nove meses.

Abolicionismo — Quando se trata
de coisas boas é uma óptima medida
para ser adoptada... pelos outros.

Abolorecer — Sorte das solteironas.

Abomaso — Quarto estômago dos
ruminantes. — Até parecem políticos!

Abonado — Rico. — Indivíduo que
fugiu para parte incerta.

Abonecado — Emarranhado.

Abordagem — Grande atrapalhação.
Abôrto — Da Casa da célebre mão
de ferro.

Abotoar-se — E depois dar às de
Vila Diogo.

Abrço — «Um abraçinho bem aper-
tado» ainda é das melhores coisas que há.

Abre-bôca — Instrumento com que
os alveitares abriam a bôca dos animais.
— Devia haver um fecha-bôca para im-
pedir de dizer asneiras a muitas azé-
molhas do nosso conhecimento.

Aburrinhar — Diz-se da criança
quando começa a andar de gatas:
ainda eu aburrinhava... Como a gente
se conhece!

Académico — Estudante. — Reminís-
cência dum graça que morreu.

Acarraçado — Pegado como carraça.
— Uma amante velha.

Achatadela — Uma porta na cara.

Aconselhar — Bem prêga frei To-
maz...

Adão — O mesmo néscio que ainda
hoje como tudo o que ela lhe dá.

Adesivo — O republicano histórico
da última hora.

Adultério — Um dos factos funda-
mentais da sociedade que, afinal, como
dizia Napoleão, não passa «d'une simple
affaire de canapé».

(Continua).

Dr. Sabe-NADA.

Feira do Livro

ATENÇÃO

Todo o comprador que se faça
acompanhar por êste exemplar da
MARIA RITA, consegue o abatimento
de 1 Escudo nas compras que fizer
no Stand n.º 18 do grande Maga-
zine Civilização.

Neste «Stand» estão à venda tôdas
as obras de Campos Monteiro
pai e filho e de José de Arti-
manha.

Os impossíveis dêste mundo

— Inventar a forma de me sobrar algum
dinheiro do ordenado.

— Descrever a *alegria*, o *orgulho*, a *feli-
cidade* que senti ao constatar que esta secção
onde campeia o *chiste* e o *bom humor*, foi feita
só por mim.

— Arranjar a maneira de apanhar os 30 *pa-
lhacinhos* ou a *aproximação* no concurso das
quardas.

— Obrigar os artistas teatrais a não dizerem
mal dos colegas e dos empresários.

— Conseguir que a Beatriz Costa deixe de
ser o encanto das plateias.

— Impedir que na MARIA RITA, o Damião
de Cacia, apanhe sempre tapona.

— Que o Landru seja delicado para os
passageiros.

Rei Louro.

Tomaz Ribeiro Colaço

Este nosso querido amigo e distintissimo
colaborador, que tem andado afastado da MA-
RIA RITA, devido ao extraordinário trabalho
despendido com a ensenação e montagem da
sua nova peça

D. SEBASTIÃO,

acaba de ver coroada a sua obra com um retum-
bante sucesso que muito nos alegra.

Tomaz Ribeiro Colaço, que é um novo, tem
já o seu nome incluído em tôdas as elevadas
manifestações da literatura nacional.

Prosador de pulso, poeta elevadissimo, dra-
maturgo de génio e humorista finissimo, Tomaz
Colaço conseguiu aos trinta anos subir até onde
ordinariamente não deixam chegar tão poucos
anos.

A sua última peça — D. Sebastião, — repre-
sentada no nosso primeiro teatro de declamação,
conseguiu firmar indiscutivelmente o nome do
nosso amigo como poeta e como dramaturgo.

A MARIA RITA, limita-se a desejar-lhe, do
imo do peito, um grande triunfo de representa-
ções, e fica à espera de o ver voltar novamente
a esta casa.



OS MACACOS

Os macacos são uns bichos muito
curiosos. Tão curiosos que se metem
por baixo dos automóveis para verem
os estragos. Levantam as rodas e che-
gam a cobrir o *chauffeur* inteiramente.

Comem bananas e usam um sitio
esfolado e mais vermelho que o nariz
de um jornalista conhecido.

Dividem-se em diversas espécies.

Há os macacos de imitação, os de
carne e os de ganga.

Trepam às árvores e agarram-se uns
aos outros, como se fôssem macho sim
e fêmea não.

A fêmea do macaco é a macaca que
tem por obrigação principal andar atrás
dos jogadores que perdem sempre.

O sagüi é uma espécie de macaco
que se pode meter no bôlso como um
lenço. Já o mesmo não acontece ao
orango-tango porque se não pode dobrar
com facilidade.

Diz-se para aí, não sabemos porquê,
que o homem descende do macaco. Deve
ser mentira porque não nos consta que
os macacos tenham sogra!

João RIALTO.

Confessionário para todos os sexos

(Masculino, feminino e eclesiástico)

Continuamos hoje a responder a mais
algumas das cartas que, como apelos de mori-
bundos, teem chegado até nós:

Um, dos que andam em mangas de camisa
— O quê, meu caro amigo? Então você decidida-
mente não sabe o que se convencionou chamar
um cruzamento em linha recta? E é por isso
que você tanto se entristece quando vê uma tal
notícia nas *Notas Elegantes* de qualquer jornal
chic? Mas eu passo a explicar-lhe: Suponha o
meu amigo que tinha de partir no comboio das
tantas menos dois minutos e para isso neces-
sitava atravessar a Praça da Liberdade em diago-
nal, ou seja do Edifício da Nacional (rés-do-chão)
para a Estação de S. Bento.

Se o meu amigo conseguir cruzar a Praça
sem que os livreiros o convençam a comprar
um livro de um dos três Campos Monteiros ou
se, já quasi no Passeio das Cardosas, argumentos
mais pesados o não obrigarem a acelerar o passo
e a fazer qualquer desvio inesperado, fêz o que
se chama um cruzamento em linha recta. Com-
preendeu?

Uma mulher ultrajada — Por quem é, minha
senhora! Não pense tal de seu marido! Ele não
gosta da sua amiga Rosa! Ali onde o vê, é um
espôso exemplar. Quer dizer, é um belo exemplar
de espôso. Amigo da sua mulherzinha, mulher-
zinha que tem, naturalmente, as suas amiguinhas,
de quem ele, por consequência, é amigo também.
Nada mais! Deixe-os lá entreterem-se, coitados!
São brincadeiras inocentes! Tão inocentes que
só a um inocentinho podiam dar origem. E se
a senhora, desolada e inconsolável, necessitar
de um conselho, de um conselheiro, é passar
pela nossa redacção das doze às treze, hora em
que, paradas as nossas máquinas rotativas, melhor
se ouvirão os seus queixumes.

(E' também a hora em que eu estou sôzinho
na redacção).

Dr. OX.

DESCANSO SEMANAL

Dois nacos substanciais, a nova reconstituição do livro "Feveras dum coração" do Sr. Adonis Conrado

A verdade é esta nem que pese ao grande Agostinho de Campos: A-pesar-de tudo, ainda onde se escreve pior é nos jornais portugueses.

Vejam essa maravilha de prosa *espinheira*. Refere-se, como será fácil de verificar, ao relato da inauguração do campo de aviação militar em Espinho. Aí vai o título:

As cerimónias da chegada ao campo de tiro e bombardeamento do seu comandante.

Por onde se vê imediatamente, que o comandante, logo que chegou ao campo de tiro foi bombardeado. Quem estas linhas escreve é amigo pessoal do sr. Oliva Teles, e por isso lavra aqui, desde já, o seu protesto pela forma, pouco amável como foi recebido.

Mas há mais e melhor.

Feitos estes cumprimentos, foram feitos os oficiais, do comandante do campo, sendo estes pela Companhia de Metralhadoras 3, desarmada, com a continência acompanhada do toque de clarins.

Foi fantástico, mas foi assim mesmo. Os oficiais foram feitos à vista de toda a gente, e a companhia de metralhadoras 3 foi desarmada com a continência acompanhada com o toque de clarins.

Fantástico!...

Mas há mais na mesma notícia! Mais e melhor... Ora leiam:

Depois aguardou-se a chegada de mais 9 aviões, que vieram associar-se à entrega do Campo de Tiro de Bombardeamento ao sr. tenente Oliva Teles. Esses aviões pouco se demoraram aqui, pois que, depois da sua chegada e de trocaram afectuosos abraços, dirigiram-se em automóveis para o Grande Hotel, onde almoçaram, assistindo os membros da Camara, oficiais da carreira de tiro, etc.

Estamos daqui a ver os nove aviões, de braço dado, a trocaram afectuosos abraços. E depois um avião macho a dar, gentilmente, a mão a uma aviona para ela se apear do automóvel à porta do Grande Hotel de Espinho!... Bem de-certo o almôço foi todo servido em asas de bacalhau...

Ora isto que aí fica, vinha assim mesmo, de envolta com muitas mais asneiras no *Comércio do Pôrto* de outro dia.

Também o nosso *Janeiro* trazia uma correspondência da terra do sr. Lopes Vieira que estava muito bem apanhada. Vamos a ver.

Praias e termas

MONÇÃO

19 de Maio

Começa a chegada de aqistas

Começa a desfilar pelas ruas do burgo a longa e lenta procissão de tropegeantes, que veem recorrer ás águas medicinais monçanenses na ansia da reconquista da marcha fácil e livre.

Alem do sr. Henrique Ferreira, cirurgião-dentista portuense, que já está consideravelmente melhorado da sua manqueira reumatismal, temos, desde hoje, a mais, um tolhido de tômo, o operario fiandeiro de Barcelos sr. Amadeu dos Santos Pereira, que se apresenta com os pés deformados e grandes artrites nos membros superiores, que há meses o impedem de ganhar a vida pelo seu officio.

Monção começa a viver os seus dias movimentados, que cada ano se renovam por esta quadra, graças ás suas termas.

Uma vez terminada a construção das bancadas de repouso que se está ultimando, haverá no parque, lugares para 300 pessoas sentadas, numero sufficientissimo, mesmo para dias de festa.

Este escrevão que se assina apenas pela paupérrima inicial C. tem a mania dos grandes palavrões. E desta forma conseguiu inventar a palavra *tropegeantes* que não existe em parte alguma, nem nas termas de Monção, que se congratulam nos diários com a chegada dos desgraçados, indo até ao cúmulo de lhes publicarem os nomes aureolados pelos males que os afligem. E já que Monção começa a viver os seus dias movimentados, estamos daqui a ver os monçanenses a acorrerem às portas e às janelas sempre que sintam passar um desgraçado de muletas, ou tocar o sino a rebate anunciando a chegada de mais um *tolhido de tomo* que vai ali na *ansia da reconquista da marcha fácil e livre*.

Olhe lá, ó sr. correspondente: o senhor aqui não quereria dizer em vez de *marcha, roda livre?*

E já estamos nas *Feveras dum coração*. Quarta poesia:

Cathy!

Minha saudade!

A' formosa cidadã Miss Catharina Guimarães (?)

VIII

*Cathy! estrela gloriosa!
Estrela seductora! feita Mulher formosa!
Que sempre no fundo do meu c'raço te terei!
E sempre n'um lindo Altar feito de viçosas
Flores de eterna dulcificancia eu te glorificarei.
— Nas tuas mimosas, macias Carnes de rosa
Mergulhado, gosando e beijando te sonhei!
Oh Cathy! M'her donosa!*

Prova-se desta forma que o Adonis é atiradiço. Tantas mulheres, quantas poesias. E tôdas elas, devem ser pelo menos *flores de eterna dulcificancia, com macias carnes de rosa, onde êle, mergulhado, gosando e beijando as sonhou.*

Ora vejam V. Sr.^{as} se isto são coisas que se digam diante de tipógrafos!...

Quinta poesia, que é um mimó:

Que seria de mim sem ti!

Flora musa!

XVIII

*Que seria de mim,
Desgraçado, sem ti
Oh formosa Flora!
Oh Musa seductora!*

XIX

*Que seria de mim, óh gloriosa Mulher
De resplendente formosura celestial! . . .
Musa toda preciosidade divina!
Se a tua imagem de mim se apartasse?!
Oh triunfante Musa! Oh gentil Flora em Flôr!
De joelhos clamaria por meu Deus Senhor!
Pedindo em alta voz p'ra que me seputasse
Quem humana de mim piedade tivesse!*

XX

*Tu, Mulher, Flôr d'entre as flores gloriosas!
Divina sacerdotisa de belezas de formosas!
E's a esperança, amparo dos moribundos
Que os suavisa atenuando-lhes os profundos
Sofrimentos, com esse teu perfume delicioso
Do teu melituo sangue voluptuoso! . . .*

Não há nada que se diga a um poeta desta proeminência! Ou nós acabamos burro de todo, ou êste homem está a ganhar pêlo por todo o corpo. E o livro há de ser todo publicado porque quanto mais para o fim, melhor.



Laminas RITZ

De todas a melhor, especial para barbas duras, todas as boas casas a vendem a 1 escudo, dep. 162, 3.º Av. dos Aliados, Telef. 4650

A FEIRA DO LIVRO

Os "Stands". Os Livros. Os Livros. O Público Entrevistas. Progosticos. Resultados



O Harold

ANTIGAMENTE tóda a gente julgava que o cavalo da Praça nova servia apenas para sustentar o sr. D. Pedro, naquela Praça que é tanto da Liberdade, que até dá licença para se venderem vasos... de noite.

Hoje não! Hoje tóda a gente sabe que o célebre cavalo, que não tinha chamadouro algum, passou a ser denominado o Pegazo depois que os livreiros desataram a vender o seu peixe à sua sombra amiga.

A feira pröpriamente dita

Pelas contas da MARIA RITA a feira do livro, devia ser uma feira mesmo, como foi no seu primeiro ano, com tódas as suas características de pregões, de berros, de reclamos aparatosos, e com um pouquinho de aldrabice, que, quando não desse outros resultados de melhor espécie, daria ao menos o enorme resultado de obrigar os compradores de pechinchas a esportularem alguns cobres que de outra forma não veriam a luz do dia.

Mas a coisa tem refinado de ano



O Estica

para ano. E neste andar, se seguirem a orientação da respeitável comissão, ainda há de ser obrigatório o trajo de etiqueta para se conseguir comprar a «Princesa Magalona».

Este ano, a feira — perdão, perdão! A Semana do Livro — é circunspecta, distinta, e quando se oferece um livro de cinco tostões, tem de se pedir perdão ao cliente por tanta barateza.

Os «Stands»

Estão bonitos, engalanados, impecáveis. De tal forma que o comprador, ao vê-los, tem a impressão de que vê uma livraria de luxo, e não entra, com medo de pagar o aluguer e as contribuições. Estivemos ali na terça-feira última, às 10 horas da noite; e quando acabamos de dar a volta ao cavalo, insensivelmente ficamos aguardando a chegada do defunto.

Fomos informados depois, pelo filho do Martins, que o defunto só chegaria no desfazer da feira, quando se conferissem os apuros.

Mas lá bonitos estão! Até vasos com flores a adorná-los!... Que lindo!...

O Costa da Editora: lavra lá dois tentos, e diz-nos no fim se não valia mais andares a berrar pelo Varre-Canelhas uma noite inteira!...

Os Livreiros

São sempre os mesmos. Cá o Pôrto foi sempre conservador. E em vez de mudar de livreiro como quem muda de camisa, não senhor; dá-nos sempre os mesmos todos os anos. Foi por isso que os conhecemos a todos, e todos nos disseram da sua justiça. Aí fica a justiça deles.

Fala o Martins de Jesus,

que para não quebrar o encanto da feira, nos segreda com uma voz pequenina, e já de si enrouquecida:

— Aí filho! Boa feira faz quem em sua casa fica em paz. Isto não dá nada! Você tem ouvido tocar a campainha da minha máquina registradora? Pois olhe que ela fala como gente.

Tem a palavra o Neto, do Lmares

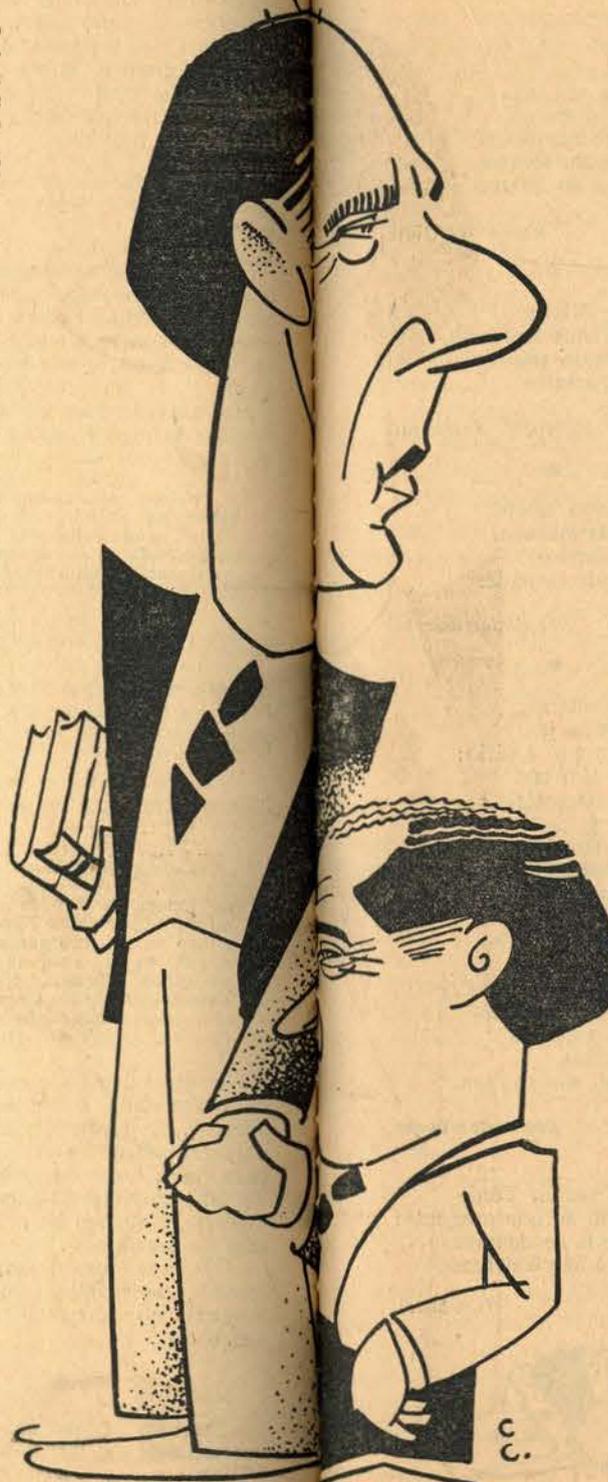
que felizmente não tem nada de sorturno.

— Isto vai. Não tanto como eu julgava. De princípio ainda julguei que o Stand da «Civilização» fôsse pelos ares. Mas não. Nem com o ar da minha graça e os ares da minha serra. Talvez seja por causa do calor. Teem estado uns Céus de Fogo, e isto contribui extraordinariamente para o frio que se nota nos compradores. Mas isto vai, isto há de ir, graças a Deus.

O Costa da Editora,

diz-nos, fazendo estilo radiofónico:

— O' meninos, vocês que querem? Em Portugal de cada vez se lê menos. Informai-vos junto da fábrica de massas Favorita e vereis que a bolacha menos procurada é aquela das letrinhas. Com licença: eu vou ouvir uma conferência e volto já.



Pat e Patacho CIVILIZAÇÃO

Fala o Moreira, da Livraria cuja.

Fala, é um modo de dizer, porque o Moreira quase nunca fala. Limitou-se, ao ver-nos, a encolher os ombros e a fazer com a cabeça um gesto que queria dizer mais do que um dicionário em grande escala. Em compensação o

Pinto, da A. Figueirinhas,

abriu as válvulas da erudição:

— Isto, este ano, está palhete... O meu sócio é que é um maduro carregado. Eu bem lhe dizia que o público ainda está, verde para certos destes. Mas ele teimou, e eu como sou generoso sempre vim. Afinal quem bebia do fino era eu.

Tem a vez o

Domingos Barreira

que encontramos me-

tido na sua magnífica *Torrinha* de marfim.

— Ai, meu amigo! Como isto está!!... O Público não pára, não entra, não compra. Nem os livros do célebre escritor *Arsene Lupin* que eu reclamo ali à porta.

Nada! Nada! Mas não paro com as obras, isso nunca. Nem as que vendo na livraria, nem as que ando a fazer na Avenida da Boavista.

Ouçamos agora o marido da filha do Moreira da Costa...

— O' Elisa: diz aqui a estes senhores as minhas impressões da feira do livro. E' que eu não conheço os preços dos livros e por isso não posso dizer nada.

E como a sr.^a D. Elisa demorasse, deixamos o grande Herculano e fomos bater à porta do sr.

Raul Lelo,

o livreiro norte-sul, para recolhermos as suas impressões.

Disse sua Excelência:

— Cortaram-me tudo. Primeiro o café, depois o leite, em seguida o chá-zinho com torradas e por último queriam cortar-me a coisa, a roleta, o premio-zinho. E' o cortas. Só contemporizei com as bolas e vamos andando. Este ano são envelopezinhos e a roleta parece uma hélice de avião. Isto vai, isto vai, graças ao lá de cima!...

Saimos com a certeza de que era graças ao cavalo que aquilo ia andando e fomos encontrar-nos com o

Manuel Pereira, da Progredior

Eu sou da terra de um cunhado dêle; por isso recebeu-me de braços abertos:

— Aqui não se dá nada, meu amigo. Também se não vende, graças a Deus, mas ao menos estão ali nos lotes. Ainda tinha fé com a companhia Tró-ló-ló para vender alguns livros brasileiros; afinal foi mais um sonho, porque eles, como actores que são, lêem muito pouco. Mas isto lá para o fim há de mudar. No Domingo distribuo balões às crianças.

Fartos de ouvir tanta desanimação, encontramos-nos no Stand do



O Bucha

Fernando Machado

o célebre toureiro de sempre que mete ferros especiais em tódas as encenações com mais de vinte primaveras.

— Isto está uma feirona! Abençoado Luís de Camões que se lembrou de frigar os miolos em 1580! Fiz deles uma belíssima omelete que vendi por 20 contos! Isto vai, isto vai. Só tenho pena que não houvesse escritores de talento nos meados do século treze! Já me tenho pôsto a fazer contas de quanto valeria um exemplar.

Felizmente que foi este o último dos nossos entrevistados. Se não, viríamos para casa a julgar que todos os Stands, este ano, não passavam de stand... eretes.



O Charlot

† A Q U I J A Z

Continuação do concurso da MARIA RITA 50\$00 ao melhor epítáfio publicado

Tanto trabalho passei
Na vida, para morrer,
Até que a vida deixei
Para na morte viver.

Se um dia voltar ao mundo
Ver o que por aí se passa,
Devo voltar para o fundo
P'ra não ver tanta desgraça.

Remetente: Pirilau.

Aqui jaz a dona Brites,
Beata muito sabida;
"Tantas" fêz e confessou
Que foi sempre absolvida!

Remetente: I. T.

Oh! Não lhe perturbeis o eterno sono
De celestes visões tão povoado!...
Deixai, deixai que o triste no abandono
Descance em paz, enfim, mais sossegado!...
Nunca na vida teve as alegrias
Que um bom feliz mortal no mundo logra:
— Morreu já farto de aturar as tias,
Mulher e filhas, a cunhada e sogra.
E como teve do martírio a palma
Um Padre-Nosso à paz da sua alma.

Remetente: Quim Grande.

Aqui Jaz o Bernardino
Nesta cova funda e fria
Queria ter muita alegria
P'ra mostrar seu pouco tino.
Então no seu desatino
Levou para casa a Rita,
Começou a fazer fita
Como se fôsse um rapaz,
Descansa Bernardo em paz
Vira de-pressa a labita.

Remetente: O. Maria.

Nesta cova suja e fria
'Stá minha sogra enterrada
E dela ninguém bem diz.
Todo o povo a conhecia
Era mulher tão safada
Que o diabo não a quis.

Aqui jaz o caçador
Vitorino Laranjeira
Caçava qu'era um primor
Galinhas na capoeira.

Aqui jaz o ciclista
Manuel Lopes d'Abreu
Esticou dentro da pista
De tantas voltas que deu.

Aqui jaz Maria Rosa
Uma aguadeira d'aromba
Que morreu tuberculosa
De tanto tocar à bomba.

Aqui jaz o ferrador
Antônio Mendes Procópio
Que morreu com uma dor
Por se ferrar a si próprio.

Aqui jaz padre Manatas
— Um «melro» dos anafados,
Por quem choram as beatas
Com os gatos pelas gatas
Em Janeiro nos telhados.

Nesta cova, aqui sem luz,
Onde há tanta podridão
'Stá um jornalista de truz
— O padeiro Damião.

Pérola Verde a seu lado
Dorme seu sono eterno,
Estando o povo consolado
Por a morte os ter levado
P'ras profundas do inferno.

Remetente: Oidil.

Aqui jaz padre Matias
Que era um grande fanfarrão,
Morreu chuchando enguias
Ao pé de um garrafão.

Remetente: Ferrabraz.

Da morte ao duro tabefe,
Na condução da manada,
Faleceu o magarefe
Com uma grande cornada.

Remetente: Reirobi.

Neste pobre cemitério
Já tanta graça aqui jaz
Que pergunto muito a sério:
O que é que o júri faz
Ao prémio do necrotério?

E quem é êsse covheiro
Que preside a tal concurso?
E que é que faz ao dinheiro
Esse morto, feliz urso,
Considerado o primeiro?

Aqui à terra baixou
Minha esperança perdida.
Também ela se enterrou
E ficará aqui jazida,
Já que o prémio não ganhou.

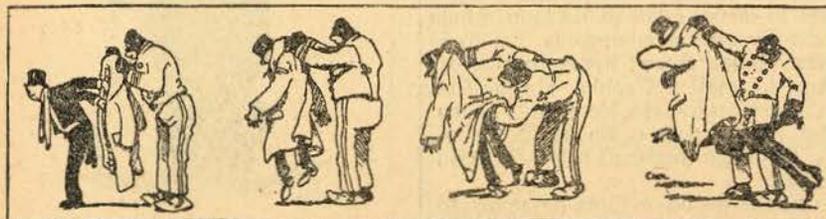
Remetente: Tónio.

N. da R.

Dizemos ao senhor Tónio
Respondendo ao que pergunta:
Dê! o que sabe ao demónio
Que a massa não é defunta.

(Continua).

Um excesso de delicadeza



Diálogos da actualidade

O armamento e as reparações

—O quê? Dizes tu que essas duas grandes questões, que hoje tão profundamente ocupam a atenção de todos os povos, não estão intimamente ligadas?

—Não me parece. Tanto mais que a questão das reparações provém da última guerra e a dos armamentos tem em vista evitar uma guerra futura.

—Pois muito te enganas!

E o meu interlocutor, de olhos a fuzilarem um brilho esverdeado, densado, puxando com um repêllo nervoso a aba do chapéu mais para os olhos, começou:

Ora ouve! Não conhecestes o Eusébio, pois não? O Eusebiozinho, aquele mesmo Eusébio que uma vez em Coimbra, quando foi da... sim... estás-me a perceber...

—Ah! bradei-lhe eu como se, perante a sua exposição, me lembrasse perfeitamente d'ele, mas sem perceber patavina.

—Pois o Eusébio foi sempre aquele grande atiradico que todos nós sabemos. Mulher para quem olhasse, era mulher que lhe caía no papo.

Ora um dia deparou-se-lhe uma linda rapariga, bem fornida de carnes e com uns olhos de tentar o Santo Antão, se elle ainda andasse por este mundo.

E' claro que o Eusebiozinho *armou-se* logo para ela. Mas o diabo, que também as *arma*, de tal maneira engravou o Eusébio que elle, semanas depois, teve que pagar uma *reparação* ao pai da pequena, por causa dum pequeno cheque que passou a descoberto ou seja sem a cobertura do casamento.

—Sim comentei eu, embasbacado! E' o que se chama um *armamento* sujeito a *reparação*.

—Mas não é tudo, continuou o meu interlocutor. Tempos depois o Eusébio teve os seus quês com uma senhora casada. Ora esta, como o nome está a dizer, tinha um marido que era armeiro. E este, por sua vez, ao saber-se atraído, *armou-se* de tãda a fleuma e foi ter com o Eusébio a quem pediu uma *reparação* pelas *armas* ou uma *reparação* em dinheiro. E' claro que o Eusébio, que não podia ver sangue, preferiu a *reparação* em dinheiro.

Eu, ouvi-o, boquiaberto. E não resisti ao desejo de lhe dizer, no final:

—E' claro que o armeiro queria o dinheiro para qualquer *reparação* que precisasse fazer no *armamento*.

Dr. KNOX.

menores conforme a capacidade de cada realizador. Os graus dos ângulos variam conforme o material empregado. Se o material é branco ou tinto simples, os graus nunca ultrapassam a casa dos 12. Se o material é Pôrto autêntico pode ir até aos 20. Há, pois, que atender ao material.

Campo

Campos há muitos: Campos de semeadura, de plantação, Dr. Agostinho de Campos, Campos Júnior, etc. A e Campos de filmagem.

Campo de Filmagem — Temos um campo. Colocam-se lá três cinéfilas mais ou menos Grêtas e outros tantos cinéfilos mais ou menos Ramons e C.^ª, a cantar, a dançar e, enfim, a fazer tãda a sorte de piruetas, a fazer o que lhes der na gana.

A máquina está colocada em frente. O realizador dá o sinal combinado e filma-se.

O local onde estas cenas se desenrolam é o campo, um campo de operações cinéfilas de todo.

Todos aqueles que quiserem filmar devem atender ao campo porque nem todos os campos servem.

Há campos com muita luz que não conveem por causa das vistas alheias e também porque se pode velar a película.

Os melhores campos são os campos à *média luz*.

MIL REIS.

CURSO DE CINEMA

2.ª Lição — Angulos e Campo

Os ângulos podem ser rectos, correctos e aumentados. Há também os chamados ângulos objectivos e são estes precisamente os que nos interessam. Os ângulos são muito usados e não há por aí ninguém que não tenha feito o seu ângulo.

Quem mais abusa dos ângulos são os alemães. Os americanos também usam e abusam dos ângulos... agora que terminou a lei seca.

Angulo de frente — Suponhamos uma mulher bonita estendida na areia duma praia elegante. Olha-se de frente pelo olho... da máquina — é um ângulo de frente.

Se a olharmos através dos olhos esquerdo ou direito são ângulos diagonais.

Angulos verticais: *Plougée e contra plougée*.

Plougée — A mulher — isto é uma hipótese — está por baixo e a máquina por cima. Dá-se à manivela, dá-se, dá-se... e está feito o plougée. Este ângulo é muito usado nos filmes amorosos e operetas ligeiras e brejeiras.

Se a mulher está por cima e a máquina por baixo é um contra-plougée.

Angulo oblíquo — Suponhamos uma mulher casada acompanhada pelo marido. Olha-se para ela, mas olha-se obliquamente por causa das coisas... e das conveniências.

Os ângulos são muito variáveis.

Há ângulos de 90° e mais.

Há também ângulos com menos de 90°. Fazem-se ângulos maiores ou

Décimas... dentro do praso

A parada de... perfumes

Com um dia claro e gaio,
Repleto de alacridade,
Festejou cá a cidade
O vinte-e-oito de Maio.
'Stava quente como um raio,
E a tropa branca e mandinga,
Co'o suor caindo em pinga,
Marchava tãda garbosa,
Juntando o aroma da rosa
Ao cheirete da catinga...

Ena, pai!

Do Bemfica onze parceiros,
Dedicados ao desporto,
Marcharam até ao Pôrto,
A bater-se co'os tripeiros.
Mas levaram nos traseiros
Oito a zero — o que é brutal.
Foi um desastre formal,
Desastre que ninguém 'xplica:
O grande Clube Bemfica
Desta vez ficou bem... mal!

BISNAU.



Pôrto-Bemfica

5 da tarde. O campo do Ameal está à cunha... sem ser da Raza. Em vista da falta de lugares a Federação atendendo a rogos do público, tem uma soberba estirada. Pede telegraficamente para a base S. Jacinto aeroplanos que se vêm postar sobre o campo e de cujas ditas aves, pendem diversas cestas nas quais a Federação, manda encafiar o resto do público que vai entrando.

6 horas. O momento solene. O árbitro manda principiar a corrida.

Entra em campo a equipe de Lisboa, que vem vermelha do calor.

Vítor Silva marcha à frente conduzindo um carro de mão, comprado em Vizela por subscrição entre os seus companheiros, que já tinham combinado essa partida em Lisboa, para levar em as bolas que os tripeiros haviam prometido.

Em seguida entra o Pôrto tripulando camionetes de luxo.

O capitão do grupo vem acompanhado do Sr. Marquês, numa limousine *Delage*, para êsse fim nos Estaleiros de Lordelo.

Vai dar-se início ao jôgo, que é abrilhantado por um quinteto.

O Pôrto usanda duma gradde cortesia, deixa que o Bemfica jogue à frente do vento e apanhe o sol nas costas.

Eram decorridos 7 minutos e Waldemar chegando perto do Conceição, tirou delicadamente o chapéu de palha e pediu licença para guardar lá uma bola, ao que Conceição todo comovido, acedeu.

Daí a pouco, Pinga foi pedir ao árbitro se o deixava ir jogar no canto esquerdo, pois tinha combinado com o Acácio fazer jôgo de caixinha.

E' concedido isso, e marcado o córner, o Acacinho que tinha deitado gomarábica na testa, recebeu a bola, colou-a à cabeça e zás, entrou na casa do Conceição e mais um goal!

A assistência delira e canta em côro o *Teodoro não vai ao Sonoro*.

Vem depois o 3.º goal, idêntico ao 2.º, que o Pinga quis repetir, para conferir.

Intervalo

O sexteto toca e dança-se animadamente nas bancadas.

2.ª Parte

Não tem história. O trio fantástico reúne a meio campo em conferência, e resolve fazer oferta de 5 bolas mais aos Sudistas.

O Vítor Silva a meio do jôgo, dá-lhe um ataque e a soluçar de chapéu na mão, pede que não metam mais, porque o carro de mão é pequeno para tantas bolas.

Os tripeiros acedem. Alvarito nesta altura pede *pêssanga* para ir lá fora tirar um *clichê*.

8 horas, Terminou o desafio.

O público invade o campo e organiza um chá dançante com a polícia que também delira de entusiasmo. Beijos, abraços, de tudo um pouco.

Quando tudo tinha regressado, notou-se que no Balneário estava a ser servido um finíssimo serviço de peixe-espada ao nosso amigo Laurindo Grijó, que agradeceu comovido.

A' despedida do rápido, o público tendo tido conhecimento dêsse gesto dignificante por parte dos homens do Bemfica, quis também ser gentil com os visitantes, chegando a estar projectada uma marcha ao flambeau acompanhada de cacetes, dentro da Estação.

Mas afinal nada se fêz, porque os

do Bemfica confessaram que já estavam satisfeitos com os 8-0 e que se perderam foi por o Szabo ter jogado e estar por "conta" do Pôrto.

Tadinhos dêles! Não sabem a eloquência dos números, que é tudo!

Garganta de PRATA.

Um conto... pequeno

Certo médico de aldeia foi um dia chamado para ver um pobre carpinteiro que estava às portas da morte com uma febre tifoide. Chegado que foi o Galeno à cabeceira do tifo, examina-o atentamente, torce o nariz e segreda para a consorte:

— Está pronto. Entre esta noite e amanhã ao meio-dia, o seu homem deve dar a alma ao Criador. Disse e... foi-se!

Sucede, porém, que, o doente, na ausência da mulher, delirante pelo mal que o tortura, ardendo em febre, levanta-se da cama, vai direito à cozinha e emborca duma assentada mais dum litro de água de lavar couves, que a mulher tinha ali deixado num alguidar.

E, — pasmai, ó físicos! — dias depois o condenado à morte estava curado!

Quando o médico soube do caso, puxou da agenda e tomou nota: « Para febres tifoides, complicadas com isto e com aquilo, — água de lavar couves ». E o primeiro doente que se lhe depa-rou em tais condições, teve de gramar dois litros de tão merífico remédio. Ao outro dia, porém, o pobre do pedreiro (êste era pedreiro) foi-se desta para melhor!

Novo apontamento na agenda do doutor, a acrescentar o que lá tinha escrito: — « N. B. — Esta fórmula não se deve dar a pedreiros... »

Adriano X. NEL.

Diz-me o que fazes que eu dir-te-ei como cortas as árvores



ou a casa de um cabeleireiro de senhoras que vive em frente a um médico



A "unofobia" e o Sr. Agostinho de Campos

Quem é?

Este «Zé» caros leitores
Não tem nada de «zezinho»
Entre, de fama, escritores
Está êle, contadinho.

Co'a pena dá «castanha»
E tem «Arte» e que piadas.
De sete raposas tem «Manha»
Não perdoa as Gondinadas!

São justas e acertadas
Suas críticas sem par!
Com duas «palmatoadas»
Deitou o «Ecos» ao ar.

Xisto XIMENES.

Decifração do número anterior — Quem é?
Zulmira Miranda.

Matadores: Rei do Orco, Xico Braz, Tino, Reirobi, Só Darco, Henrique Cardoso, Delfim de Freitas, Rutra Luar.

CONCURSO DA ASSINATURA

Antes de mais nada devemos dizer que este concurso deve dar lucro a todos, mas à MARIA RITA principalmente, porque ela, além do seu interesse material procura sobretudo a sua máxima expansão. E por isso o

Concurso da assinatura,

visa principalmente êsse ponto. Nós vamos ver se desta forma conseguiremos fazer algumas séries de **100 assinaturas cada uma.**

Por cada série distribuiremos a importância de **mil escudos.**

Não é sonho. É realidade.

Mil escudos em notas do Banco de Portugal e divididos em 40 prémios de 25\$00 esc. cada.

É simples. Resume-se nisto:

Todo aquele, nosso assinante ou não, que nos remeta uma assinatura nova (semestral) (24\$00 esc.), receberá, depois de liquidada, uma senha que dá direito a 50 números duma próxima loteria. Igualmente ao novo assinante será enviada outra senha que também dará direito a outros 50 números.

Se a assinatura nos vier directamente, sem intermediários, o novo assinante terá direito a uma senha com 100 números.

Uma vez fechada a primeira série de 100 assinaturas, será marcada por meio do nosso jornal a primeira loteria, pela qual serão sorteados os 40 prémios de 25\$00 esc. cada.

Desta forma, sem que ninguém perca nada, visto que a MARIA RITA vale sempre o dinheiro da assinatura, serão dadas em cada 100, nada menos do que **42 assinantes grátis.**

E vamos lá a isto que já começou e é bem rendoso.

Mil escudos de prémios

O Sr. Agostinho de Campos vem há tempos arrastando a sua douta prosa em artigos no *Diário de Notícias*, que pulverizam, arrasam, escacham — mais do que o Eça fez ao *Bey de Tunis* — o pobre artigo indefenido *um*, como se êle, o simples, também não fôsse filho da nossa língua-mãe.

Ora a MARIA RITA; paladina inquebrantável de tóda a pureza e por consequência também, da até agora tão maculada pureza da linguagem, achando justíssima, justificadíssima, a sanha *indefenida* do Sr. Agostinho de Campos, pede licença para transcrever alguns *bocadinhos de prosa do próprio Sr. Agostinho de Campos*, para que êle mesmo, com a sua douta proficiência, emende e corrija aquilo que naturalmente já se esqueceu de ter escrito.

O que vai ler-se, como êle próprio dizia há dias no *Diário de Notícias*, não é uma caricatura, mas uma triste realidade:

a) Extracto do primeiro período do artigo citado em que êsse senhor combate o emprêgo exagerado dos *uns*:

«Escreve-nos uma leitora, a dizer-nos que devíamos ter apresentado há uma semana...»

E vão dois!...

b) A páginas 25 da sua obra «A Caranca da Paz».

«...acaba de adquirir um soberbo chateau, rodeado de uma propriedade rústica de trinta-e-dois hectares, doze dos quais plantados de vinha magnífica, e situado numa das mais belas regiões da França, acêrca de dez léguas de Tours e à beira do Cher, que limita o latifúndio numa extensão de...»

E vão quatro! E não lhes parecem que, para um tal purista da língua a palavra *chateau* não soa aqui nada bem?

c) A páginas 28 da mesma obra:

«...o carácter de um benefício ou de um socorro, de um ensino ou de uma cura. Dar-se-á brometo de potássio ao nosso Portugal, e à Rússia há de vestir-se uma camisa de forças. A Polónia receberá um professor de bom govêrno, e os Turcos, num «Kindergarten» especial...»

E vão sete, sendo quatro num período só!

d) A páginas 35:

« — Mandai-nos, senhor, em vez de um pretor ou um vice-rei, como antiga-

mente se usava, um bom e carinhoso mestre de meninos... um suave pedagogo...»

E para finalizar, porque o espaço escasseia:

e) A páginas 52:

«A Guerra parou há um mês. O recuo de que dispomos para a podermos considerar com uma mirada suficientemente ampla e um tanto filosófica...»

E logo adiante:

«...e embarcou contra Tróia numa guerra tremenda, e deixou morrer uns após outros a flor dos seus grandes heróis, e deu um trabalho dos diabos aos deuses amigos e aos hostis, e quasi fêz alastrar até o céu a luta acesa na terra — tudo porque um rapagão desempenado levou um dia para casa um aconchego a seu gôsto.»

E vão seis num período só! Ficamos por aqui, pois como vêem, os *uns* vão aparecendo como cogumelos em entulheira rica de matérias orgânicas, tanto mais para admirar quanto em quasi todos estes períodos se não trata de... trechos descritivos.

Poder-nos-á dizer o douto Mestre quais os projectos de modificação a empregar aqui para expungir tais *zuns-zuns*?

Ramalhete

Se as mentiras que me dizes
Fôsem dinheiro ordinário,
Tenho a certeza que estava
Há muito milionário.

O Amor e uma cabana
E' coisa que não dá nada;
Eu prefiro antes amor
Numa casa apalçada.

Pintas a face, o cabelo,
E vais-te pôr à janela;
E' tempo mais que perdido
Ninguém cai nessa esparrela.

Se as mulheres fôsem de vidro,
Muita coisa a gente via...
Deitava de haver no mundo
Tanta, tanta hipocrisia.

Para estar longe de ti,
Vou pedir de-prensa a Deus,
Que transforme o meu chalet
Num esguio arranha-céus.

A tua face pintada
A cal e a vermelhão,
Parece mesmo a fachada
Duma casa em construção.

LÉRIAS.

Para pintar paredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30 1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para a quadra que estava feita na nossa redacção e que era do teor seguinte:

Berraram ao desafio
A mulher e a tempestade,
Mas esta perde o pio
Para toda a eternidade.

recebemos as seguintes quadras:

No dizer de Epaminondas
A mulher e a tempestade
São duas coisas hediondas
Que flagelam a humanidade.

Tremal-Naïk 2.º

O leão e a raposa,
A mulher e a tempestade,
São coisas bem p'ra temer
Até na maioridade!

S. T.

Vieram juntas dos céus,
A mulher e a tempestade;
Uma sogra me deu Deus,
Que é um raio, na verdade.

Lérias.

Houve alguém que comparou
A mulher e a tempestade
Com certeza não errou
Pois tem muita afinidade.

Rei das Musas.

«Céus de fogo» devem ter,
A mulher e a tempestade,
Curva-se ante seu poder,
Do Orco, a majestade.

Rei do Orco.

Diz MARI-RITA, engraçada:
— A mulher e a tempestade
Para mim não valem nada.
Digo eu e é verdade. —

Tónio.

Minha sogra e meu patrão,
A mulher e a tempestade,
São piores que um vulcão
Em completa actividade.

Ferralves.

Ambas são de gram respeito:
— A mulher e a tempestade;
Faz arfar aquela o peito,
Traz esta electricidade.

Zangorlipanfas.

Não comparem por favor!
A mulher e a tempestade.
Uma nasceu pró amor
Outra... querê-la quem há de?

Horaciano.

Comparou certo marmanjo
A mulher e a tempestade;
Brutinho! Aquela é um anjo,
Esta a môr calamidade.

Serigaita.

Deu-nos Deus em testamento,
A mulher e a tempestade.
Tormento sôbre tormento
A assolar a humanidade!

(Aveiro).

Olegna.

Minha sogra e um trovão
A mulher e a tempestade,
Tem a mesma afinação
São da mesma qualidade.

Sarabanda.

Ouvi alguém igualar
A mulher e a tempestade.
Cá por mim posso afirmar
Que a mulher tem mais maldade.

Cochicho.

Duas coisas eu respeito,
A mulher e a tempestade
Se me surpreendem no leito,
Fico como um feijão frade.

Octávia Maria.

Meter-me mêdo não logra,
A mulher e a tempestade
Temo mais a minha sogra,
Essa serpente, danada.

R. do O.

E' coisa bem comparada:
A mulher e a tempestade
Em minha casa anda armada,
Na mãe da minha metade.

Zé Barão.

A tôla da minha sogra
A mulher e a tempestade
São três coisas de falar
Por toda a eternidade.

Kaiteleb-elmá.

Quando eu era pequenino,
A mulher e a tempestade,
Deram-me cabo do pepino
Por causa da liberdade.

Hó! Rei Artur.

Deus mandou-nos por castigo
A mulher e a tempestade
Mas palavra não consigo
Uni-las pela bondade.

Envia Maguta.

E agora toca a glosar esta:

.....
.....
.....
Tem um ar da minha graça.

N. B. — E' necessário fazer o 1.º, o 2.º e o 3.º versos.

Não houve nenhuma quadra aproximada. O 2.º prémio de 20 escudos foi atribuído a Sarabanda.

A Beleza do mundo em Portugal

Altas horas, já quando a MARIA RITA corria nas mil e uma rotativas que a dão à luz, recebemos o seguinte telegrama que muito nos penhora, sobretudo por estar escrito em língua do nosso conhecimento.

«A' notre arrivée au Portugal et malgré l'odyssée de notre voyage dès Madrid, nous impressons de vous prier de communiquer Mr. José d'Artimanha que nous saluons en MARIA RITA la grazie dela molie portoghese. Em nome de tôdas as Misses.

(a) Tatiana Marlow
Miss Europa 1933».

Bem sabemos que a nossa MARIA, é uma portuguesa de meia dúzia de costados, e tem mais graça do que qualquer rainha por muito costureira que pareça. O que nos deixou, porém, ficar abanados, foi o interesse e a justiça demonstrados por tôdas as belíssimas misses que de tão longes terras, meninas e moças fugidas de casa de seus pais vieram parar ao Estoril

MARIA RITA agradece, em seu nome, no do sr. Cunha da Raza e no da Miss Esfinge que é uma rainha cá da casa.

Também promete dar no seu próximo número um relato circunstanciado das festas da semana da Despesa.

— Receitas úteis —

Meio eficaz para se não ressonar

Para toda a pessoa que tal costume possuia, applica-se no acto da ressonância um sinapismo de tranca na espinha dorsal e dá-se parte, no momento da applicação, à Comissão dos Ruidos.

Para o ardor nos olhos

Todo o mortal que padeça dêsse mal, e que se queira curar instantaneamente, deve coçá-los três vezes seguidas com os seus próprios cotovelos.

Passa-lhe que é uma aragem...

Para tirar comichões

Para debelar este flagelo tormentoso, deve todo aquele que dêste mal sofrer, dar tôdas as noites, ao deitar, umas massagens com os calcanhares na nuca e pôr em seguida de molho as sobranceiras...

Eczema

Cura-se esta terrível doença da seguinte forma:

Esfrega-se muito bem o corpo com uma mistura de colôreto e ácido sulfúrico, e depois com um piçaba dos mais rijos. Besunte-se o sítio contaminado com baba de formiga beije. Após esta operação enterre-se o padecente e ao fim de cinco anos de estadia no Hotel da Terra analise-se o atacado que não tem nem um vestígio do terrível flagelo.

José ALVES.



TERCEIRA PEÇA DO CONCURSO
GUARDADO ESTÁ O BOCADO...

Peça quasi real em 4 actos

PERSONAGENS { Rugero (20 anos desportivos e alegres)
 Tania (uma morena de carnção forte, saudável e picante)
 Rui (25 anos. Ares de intelectual barato)
 Filipe (22 anos. Romântico)
 Martinho (21 anos. Boxeur amator)

ACTO I

Em casa de Tania. Saleta moderna. Uma grafonola, Vasos com flores. Quadros, Bibelots. Modernismo. No proscênio, um termómetro.

TANIA — Você, Rugero, é um exagerado...
 RUGERO — Não tanto como você, Tania...
 TANIA — Não me diga!
 RUGERO (*pondo a grafonola a tocar*) — Vamos dançar?
 TANIA — Se isso lhe dá prazer...
 RUGERO — Como me sinto bem em tê-la nos meus braços, sentindo o calor do seu corpo...
 TANIA — Sente o calor?
 RUGERO — Se sinto! — Você é um vulcão...
 TANIA — Tal qual como você...
 RUGERO — Somos então dois vulcões...
 TANIA (*interrompendo*)... em actividade.. Quando danço com o Rugero tenho a certeza de não me queimar na lava...
 RUGERO (*rindo*)... do meu vulcão!
 TANIA — Isso sem *double-sens*...
 RUGERO — Vai à noite ao cine?
 TANIA — Com você?
 RUGERO — Comprei um camarote e venho buscá-la de carro.
 TANIA — Você é gentil, Rugero! Irei...

A grafonola parou. Rugero e Tania sentam-se ficando a conversar baixinho. O termómetro marca 30 graus.

(O Pano desce devagar)

ACTO II

Uma casa. Rui e Tania estão a uma das janelas.

RUI — Já leu o meu último artigo?
 TANIA — Li e gostei.
 RUI — Você é gentil!
 TANIA — Não tanto como julga!
 RUI — E' mais?
 TANIA — Menos.
 RUI — Você além de encantadora é espirituosa!
 TANIA — Favores.

RUI — Justiça. Vinha convidá-la para a minha conferência, mas temo que se aborreça.
 TANIA — Aborrecer-me? — Não o creia! Não me julgue tão mal! Irei.
 RUI — Já o esperava da sua amabilidade.
 TANIA — A que horas é a conferência?
 RUI — A's nove.
 TANIA — Irei.
 RUI — Lá a espero.
 TANIA — Conte comigo, Rui.

Saem da janela. O termómetro marca 15 graus.

(O Pano desce rapidamente)

ACTO III

Um jardim. Filipe e Tania estão sentados num banco junto duma roseira florida.

FILIFE — Os seus olhos, Tania, enlouquecem o meu amor...
 TANIA (*interrompendo*) — Já sei. E' infinito, incomensurável...
 FILIFE (*no mesmo tom*) — A Tania é a minha deusa, a princesa encantada...
 TANIA (*continuando*) — ...que está no seu castelo. E você o cavaleiro andante que vem conquistar, arrebatador o coração, desta pobre donzela indefesa. Tenho medo...
 FILIFE (*ênrgico*) — Mêdo! De quê? — Estou ao seu lado, Tania, para defendê-la. Ninguém ousaria tocar-lhe.

TANIA (*baixando os olhos*) — Mêdo... de si!
 FILIFE (*com entusiasmo*) — Ama-me?
 TANIA (*cravando os olhos no chão e fingindo que cõra*) — Muito!

FILIFE — Já o esperava. A Tania não é dessas raparigas estouvadas e modernas que adoram o Jazz e que se apaixonam pelo Ramon. A Tania, como diz a mamã, é a mulher ideal para um rapaz como eu. A Tania é mulher... não é um estado neutro...
 TANIA — Filipe! Porque me fala assim?

FILIFE (*no mesmo tom*) — A Tania é a mulher-companheira, a mulher-espõsa, a mulher-mãe. A Tania é a mulher do lar, afável, meiga, carinhosa.

TANIA (*num grito*) — Filipe!
 FILIFE (*num grito*) — Tania!

Apertam as mãos

OS DOIS — O nosso amor e uma cabana!
 (*Filipe beija a mão que Tania lhe estende*).
 FILIFE — Poderei vir hoje falar-lhe às grades do jardim?

TANIA — A que horas?

FILIFE — A's nove.

TANIA — Lá estarei, Filipe...

Filipe volta a beijar-lhe a mão. O termómetro marca 5 graus.

(O Pano desce)

ACTO IV

Em casa de Martinho. Saleta. Um relógio marca 9 horas. Tania e Martinho estão sentados num sofá.

MARTINHO — Estás adorável, Tania!
 TANIA — Achas?

Beijam-se longamente. Levantam-se e saem pela porta do fundo. A cena fica deserta. O termómetro sobe, sobe, sobe, para logo descer para zero.

(O Pano desce lentamente)

MIL REIS.

CARTAZ DE HOJE

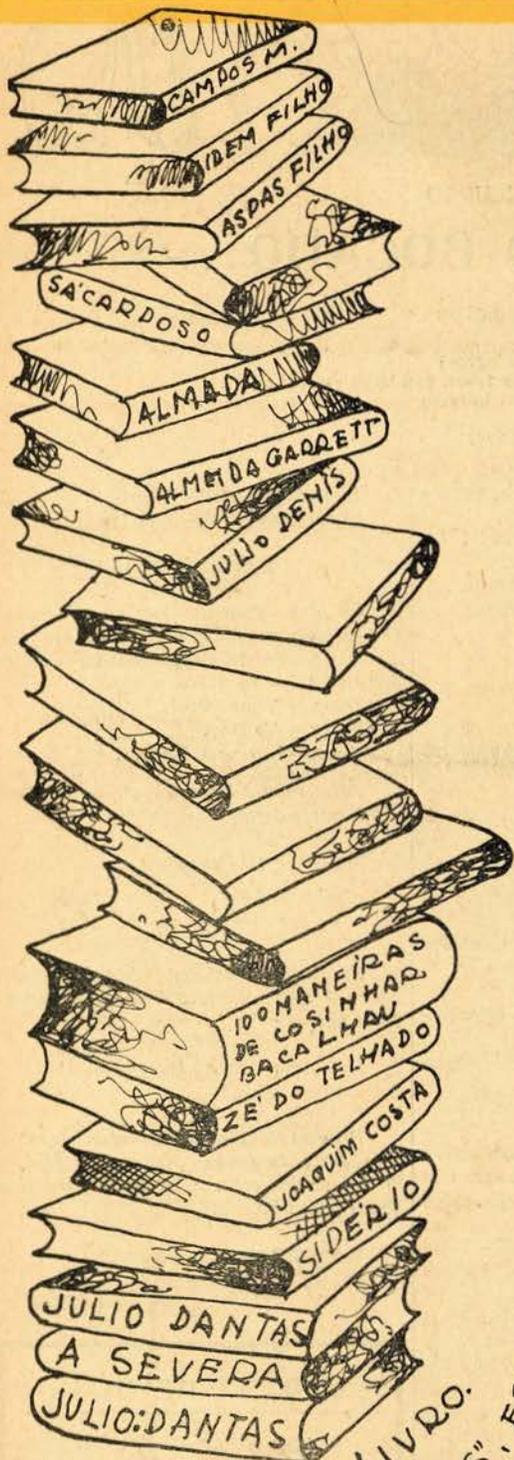
Rivoli: A interessante revista em 2 actos e 24 quadros, *Desfile Tropical*, pela Companhia Brasileira.

Olympia: Dois grandes filmes *Os Hussards da Rainha* e *Pat e Patachon congressistas*.

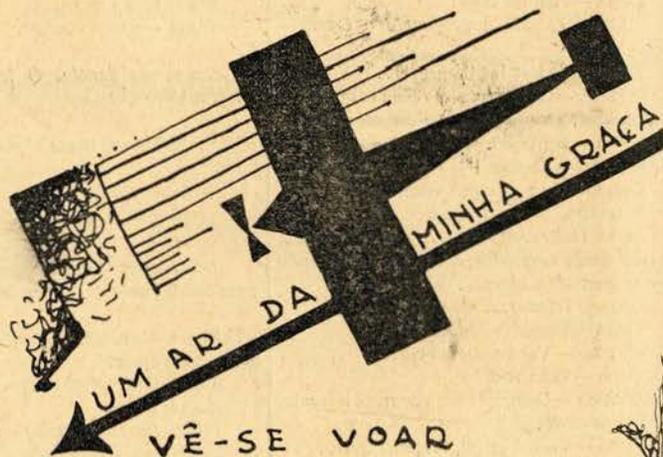
Trindade: O filme do «Ano Metro» *O Filho da Índia*.

Batalha: Um filme de emoção, *Um Valente*.

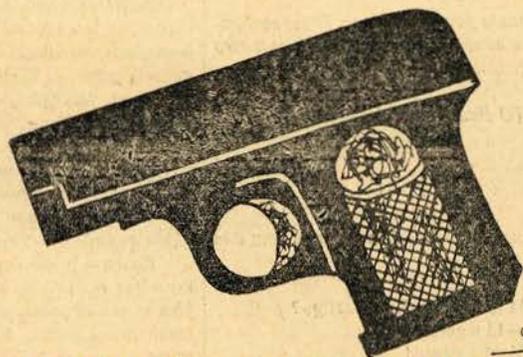
SALADA RUSSA



O 9.º SALÃO AUTOMÓVEL, NÃO TEM PIADA NENHUMA



ESTÃO POR BAIXO



NA SEMANA DO LIVRO.
OS LIVROS DO "DANTAS",

UM GRANDE ARGUMENTO

O calçado de fama

DIANA

Vendas a prestações com bonus

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

Teléfono, 6422

Visado pela Comissão de Censura